

GRUPO DIVULGAÇÃO

UFJF-FUNALFA



APRESENTA

COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

DE
FRANÇA
JUNIOR

1882
1982

FORUM DA CULTURA
QUARTA A DOMINGO
NOVEMBRO * 21 00H

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO
apresenta

**COMO SE FAZIA
UM DEPUTADO**

de França Júnior

Sob os auspícios da Universidade Federal de Juiz de Fora

A COMÉDIA BRASILEIRA

Para que se possa definir uma dramaturgia nacional, é preciso que se defina o caráter fundamental do homem que é seu objeto e cuja história ela reflete. Para que se possa decidir sobre a maneira de expressar esta palavra teatral, que é, em si mesma inacabada, mas que germina em ressonância na consciência do público, é necessário que se reconheça o homem brasileiro em sua realidade histórica, que é um compromisso crítico do **aqui** e **agora**, com o **ali** e **então**, como nos ensina mestre Brecht.

No rastro descontínuo e frágil da dramaturgia brasileira, fruto provável desta constante busca de identidade do homem brasileiro, os momentos de pujança, tanto dramática quanto de ressonância pública, despontam com a marca inconfundível da verve cômica - junção do gesto desmistificador que aproxima e deforma para melhor fazer aflorar a consciência cansada de tantos jugos e mandos. Ela aflora vigorosa e libertária, sobretudo nos momentos sociais tempestuosos de obscuridade ou desca-minho.

Este "jeitinho" próprio de transgredir do brasileiro vem servindo de arma contra suas misérias e vez por outra é manipulado pelo dominador em seus períodos de maior opressão. Assim o foi na perspicácia jesuítica que dela se serviu para moldar o irrequieto espírito indígena, ao transformar os austeros e aterrorizadores demônios europeus em ridículos perdedores ante o apoteótico celeste bem comportado. Mas nem por isto o jugo se manteve, pois o cômico é libertário e deve nascer da alma livre.

E em contra-ataque, Martins Pena desfecha até hoje seus dardos disfarçados em ingênuas tramas amorosas e com eles pinta, sem complacência, um retrato irretocável da cópia grotesca dos costumes importados, o ridículo da máscara da falsa moral e dos comportamentos sociais viciosos de dominadores e dominados. É certo que sobre ele baixaram, impiedosas, as garras da censura atenta, mas permaneceu um registro dinâmico que, até hoje, vem escrevendo, além dos registros históricos, os descompassos desses primeiros desvios em nossa rota de desacertos, compondo o **ali** e **então** imprescindível à articulação dialética para o **aqui** e **agora**.

Seu mais vigoroso continuador é França Júnior, ainda mais cáustico e comprometido com a crítica à realidade, mais impregnado do espírito popular que seu tempo traça com maior nitidez.

Se a importação artística sempre marcou a arte brasileira, nem por isto estes ecos deixaram de avalizar a sabedoria popular que reconhece o filtro anárquico que sempre transformou as "leis" copiadas, que não suportam a vocação de liberdade criativa brasileira, a "bagunça" carnavalesca que tão bem exprime esta vocação popular de unir consciência e humor, fazendo a lucidez sarcástica das reflexões mais autênticas.

O gosto da paródia, da festa, da circunstância aflora com toda sua riqueza em nosso mais rico momento teatral - aquele preparado pelos espetáculos ligeiros, musicais, bem humorados que, calcados no teatro de bulevar francês adquire aqui feição própria e característica que vai da burleta ao descarado teatro de revista. É o momento supremo do teatro brasileiro, quando as classes se unem e o público busca avidamente as casas de espetáculo. Neste momento, com a Revista do Ano, parodiando acontecimentos públicos atuais, caricaturando figurões, cantando e dançando, o teatro dá seu recado nacional: a vocação do espetáculo, do teatro, mais do que dos meandros literários que colore a dramaturgia dos países de passado histórico heróico.

Artur de Azevedo destaca-se indubitavelmente. Dono de aguçado espírito crítico, violento em suas gozações não poupava ninguém. Traçava a verdadeira imagem desta **Capital Federal** antropofágica de suas próprias raízes, mambembava o próprio fazer teatral e respondia atrevidamente às desfiguradas cabeças intelectuais dos críticos que, feitas pelos modelos estrangeiros exigiam do teatro brasileiro uma missão grandiloqüente que se afasta de nossa realidade cultural.

A década de quarenta, com suas comédias urbanas, suas paródias, seu humor amadurecido pode prover o vácuo com que o advento dos intelectuais ao teatro desfiguraram as produções brasileiras, ou tentaram calar, retardando, os ecos baderneiros dos primeiros momentos modernistas. Entretanto, no vigoroso Nelson Rodrigues está marcada esta vocação extrema do sarcástico, na maneira cruel, folhetinesca com que traça sua dramaturgia. Dela explode um quase humor negro presente nas deformações de caráter, uma acuidade crítica própria do cômico na configuração de uma realidade desmistificada e tratada como o produto de um Freud de Almanaque.

O trabalho teatral de ativação política da década de 60, cujo representante maior está concentrado no movimento dos Centros Populares de Cultura e, profissionalmente, no Teatro de Arena sempre cuidaram de levantar sua atividade sem massacrá-la com a investidura séria e falsa com que até hoje os ideólogos tupiniquins tentam copiar o estrangeiro. E é de Oswald de Andrade, protótipo do autor-personagem do germe modernista que só explodirá no teatro em 67 pelas mãos de José Celso Martinez Correa que brota a grande máxima que parece ser o veio condutor do verdadeiro teatro brasileiro: a **espinafração**, o anarquismo antropofágico da colagem, da paródia, da circunstância elevada à esfera da consciência, da marginalidade institucionalizada, que nada resiste à vigência do contraditório pululante que é a própria identidade brasileira. Comédia e carnaval, instituição e anarquia, não adianta querer organizar, enquadrar, dominar, aí está o grande espaço significativo da cultura artística teatral brasileira. Afinal, o que são estas eleições tão esperadas e tão messianicamente concedidas? França Júnior responde da proximidade de seus cem anos de estréia de **Como se faz um deputado**, aliás, **Como se fazia um deputado**, que a censura já então não gostava de conjugar o presente.

Rio, 1906.

FRANÇA JÚNIOR *

Arthur Azevedo

Nascido na Bahia, em 19 de abril de 1838, veio Joaquim José da França Júnior muito novo para o Rio de Janeiro e frequentou o Colégio de D. Pedro II, alcançando o grau de bacharel em letras. Partiu depois para São Paulo onde se formou em direito.

Foi na Paulicéia, durante o período alegre da Academia, que despertou a vocação literária que desde o princípio o arrastou violentamente para o teatro. Ele escrevia nos periódicos acadêmicos ligeiros artigos impregnados desse humorismo popular que a sua pena deveria cultivar até o fim; era, porém, o teatro que mais lhe trabalhava o espírito. Produziu ali várias comédias, das quais foram representadas duas, de costumes acadêmicos: **Meia hora de cinismo** e a **República Modelo**, ambas em 1861. As outras perderam-se, exceção feita dos **Tipos da atualidade**, três atos exibidos no ginásio desta capital em 1863. Essa comédia, que revelava em França Júnior o primeiro continuador de Martins Pena, foi a sua verdadeira estréia de autor dramático.

Regressando ao Rio de Janeiro com o canudo tradicional que mais tarde deveria meter à bulha no **Como se fazia um deputado**, o novo bacharel, que estava ao abrigo das necessidades, não recorreu desde logo ao pergaminho para viver: entrou para a redação do **Bazar Volante**, periódico de caricaturas que deu brados de 1863 a 1867, e colaborou no **Correio Mercantil**.

A primeira comédia que escreveu e fez representar depois de formado foi **Inglese na costa**, em dois atos, seguindo-se-lhe o **Defeito de família**, **Maldita parentela**, **Entrei para o Clube Jácome**, o **Carnaval no Rio de Janeiro**, **Três candidatos** e **Bendito chapéu**. Todas essas comédias têm um ato mas são da mesma época, pouco mais ou menos, o **Beijo de Judas**, em quatro atos, e **Dois pragas familiares**, em cinco.

A esse período seguiu-se outro, muito mais brilhante, depois de um pequeno intervalo de arrefecimento e desânimo, durante o qual França Júnior voltou à Bahia como secretário do governo provincial, e foi, depois, nomeado adjunto da promotoria pública da Corte.

* Ignoro onde pela primeira vez foi estampado este artigo. Na sua crônica "Flocos" do **Correio do Povo**, em 28-9-1890, transmitiu meu Pai a seus leitores a notícia, chegada naquele momento, que França Júnior havia falecido. Arrematou a crônica: "Meu ponto final é uma lágrima." No dia imediato, 29, a folha publicou curta biografia do morto, que pelo estilo me parece ser da lavra de meu Pai, então secretário do jornal. Ali está dito que França Júnior nasceu no Rio de Janeiro, à Rua do Príncipe, hoje Silveira Martins, no Catete. Dezesesseis anos depois, em 1906, talvez levado por qualquer outra informação, escreveu neste artigo que França Júnior era filho da Bahia. Na reprodução que do presente artigo também fez o semanário **O Theatro**, em seu número de 20-9-1911, lê-se Rio de Janeiro e não Bahia, o que me parece curioso.

Quarta-feira, 1-5-1957, dia do Apóstolo Tiago Menor, Primeiro Bispo de Jerusalém. —

Aluísio Azevedo.

(Cf. fac-símile)

Jacinto Heller tinha tomado a si a empresa da Fênix Dramática e mostrava-se disposto a explorar o teatro brasileiro. França Júnior aproveitou essa boa vontade, e levou à Rua da Ajuda a comédia em quatro atos, **Direito por linhas tortas**, que teve um êxito excepcional e popularizou o seu nome.

Na mesma época fez representar **Um tipo brasileiro, Amor com amor se paga e Trunfo às avessas**, um dos grandes sucessos da Fênix, vitórias cujas honras foram divididas entre França Júnior e o inspirado compositor Henrique de Mesquita, que escreveu para esse libreto uma deliciosa partitura.

Depois de exibidos esses trabalhos, que consagraram o comediógrafo como um observador incomparável dos nossos costumes, o empresário da Fênix, seduzido pelo estrondoso sucesso da **Pera de Satanás** em outro teatro, e animado pela presença de Eduardo Garrido no Rio de Janeiro, enveredou pelo caminho do maravilhoso, atirando-se à **Primeira flor de maio**, ao **Ali-Babá**, à **Coroa de Carlos Magno**, etc., e França Júnior afastou-se.

Pouco depois, em 1873, o governo nomeava-o membro da comissão que representou o Brasil na exposição universal de Viena d'Áustria. Coube-lhe a seção de belas artes. De volta, escreveu ele um relatório que em 1874 foi publicado no **Diário Oficial** e depois impresso em folheto.

Com a nomeação de curador de órfãos, cargo que exerceu até morrer, encerrou-se a biografia de França Júnior como magistrado, sendo que neste particular os seus merecimentos escapam à minha apreciação. Entretanto, sempre ouvi as melhores referências aos seus conhecimentos jurídicos, e cumpre observar que durante largos anos ele exerceu a curadoria dos órfãos sem dar lugar à menor reclamação.

Havia muito tempo que França Júnior não escrevia, quando em 1880 me propôs fazermos juntos uma revista para ser representada na Fênix. Aceitei contente o oferecimento. Nunca me esquecerei dos nossos encontros na Rua de D. Carlota, em Botafogo, onde ele então morava. Escrevemos alegremente a nossa peça, mas a empresa a quem a destinávamos recuou diante dos gastos de encenação, e, não nos querendo molestar, empenhou-se, por portas travessas, com a polícia, para que esta proibisse a representação. A polícia não proibiu, mas reteve o manuscrito em seu poder, até que a revista perdeu a atualidade.*

Anos depois, propus a França Júnior colaborarmos numa comédia cujo assunto não me parecia mau. Ele disse-me que sim, mas já estava doente, e morreu sem que pudéssemos realizar o nosso projeto. Realizei-o sozinho, escrevendo o **Retrato a óleo**. Estava escrito que eu não teria a honra de assinar uma peça com França Júnior.

Abandonando completamente as letras dramáticas, o simpático escritor começou, em 1876, a dar aos jornais o material que tinha acumulado no cérebro para o teatro.

* Numa crônica do **Correio do Povo** de 1-10-1890, intitulada "Uma Colaboração Gorda", contou meu Pai a história desta revista intitulada "Tal qual como lá".

Aluísio Azevedo.

(Cf. fac-símile.)

Os seus folhetins de costumes, escritos para a **Gazeta de Notícias**, agradaram tanto que contribuíram, com a célebre questão dos **Lazaristas**, para a rápida prosperidade da folha. Publicados em volume, tiveram esses folhetins mais de uma edição, e ainda ultimamente se lhes renovava o sucesso, quando reproduzidos pelo **Jornal do Brasil**.

Daí por diante, França Júnior não deixou de escrever para a imprensa diária: mandou da Europa muitos artigos para a **Gazeta** quando foi visitar a exposição de Paris, em 1878, inseriu no **Globo** uma brilhante série de folhetins intitulados **Ecos da cidade**, e finalmente forneceu ao **Paiz**, até morrer, a começar pelo **Ecos Fluminenses**, uma abundante e apreciadíssima colaboração.

Em 1881, depois de prolongado descanso como autor dramático, França Júnior assentou o plano de uma comédia, **Como se faz um deputado**, mas disse-me que não a escrevia porque o nosso teatro chegara a um estado desanimador. Que diria ele se vivesse hoje!

Fui eu que insisti com o mestre para que escrevesse a peça, comprometendo-me a fazê-la representar nas melhores condições possíveis. Animado pelas minhas palavras, ele atirou-se ao trabalho, e, pronto o manuscrito, levei-o em pessoa a Xisto Bahia. Todos se lembram do retumbante sucesso de **Como se fazia um deputado**. A lei Saraiva, promulgada durante os ensaios, obrigou o autor a substituir **como se faz por como se fazia**, de modo que a comédia parecia um elogio à famosa "idéia-mãe".

Mas que noite aquela! Que ovação! Dir-se-ia que era o ressurgimento do teatro brasileiro! Todos os jornalistas presentes subiram à cena, e Quintino Bocaiúva saudou a França Júnior em nome da imprensa.

A essa comédia seguiram-se: **Caiu o ministério, De Petrópolis a Paris**, e, alguns anos depois, em 1889, passado outro intervalo de desânimo, a grande comédia **Doutoras**, um dos maiores sucessos do teatro nacional, coroa digna da carreira do insigne comediógrafo.

França Júnior não era político nem palaciano, mas tinha muita afeição à família imperial, com especialidade ao infeliz príncipe D. Pedro Augusto, de quem era amigo íntimo e comensal assíduo. A proclamação da República encontrou-o doente, muito doente, e mortificou-o bastante, sobretudo por causa da deportação do imperador, da imperatriz e dos príncipes.

Foi nesse mau estado d'alma e do corpo que ele fez representar no Recreio, a 9 de maio de 1890, a sua última comédia: **Portugueses às direitas**, inspirada pela questão anglo-portuguesa.

França Júnior, que era de uma susceptibilidade infantil, fez de um argueiro um cavaleiro, e passou por uma crise moral tão forte, que concorreu para matá-lo.

No período que medeou entre os seus triunfos com o **Deputado** e as **Doutoras**, o comediógrafo apaixonou-se pela pintura. No dicionário de Sacramento Black, que me forneceu algumas notas para este artigo, se lê que ele foi animado do gosto pela pintura durante a sua excursão pela Europa em 1873. Não há tal. No próprio relatório que apresentou ao governo depois da exposição de Viena não se reconhece nele um artista, nem um crítico, nem mesmo um simples amador de quadros, mas ape-

nas um escritor de talento que, com o adjutório de notícias colhidas nos catálogos dos museus, trata de justificar um belo passeio dado à custa do Tesouro.

Quem lhe inoculou o gosto pela pintura, ou antes, pela paisagem, pois França Júnior jamais se entregou, que eu saiba, a outro gênero pictórico, foi o alemão Grimm, que aqui esteve durante alguns anos, e exerceu tão decisiva influência sobre os nossos pintores formando uma plêiade de paisagistas entre os quais se destacavam Caron, Vasquez, Parreiras, Ribeiro e outros. A essa escola ao ar livre pertencia França Júnior, e não era raro ver o curador de órfãos com a tela e o cavalete ao ombro, a caixa de tintas debaixo do braço, naquele grupo de artistas, estrada fora, à procura de um ponto pitoresco.

França Júnior tinha todas as habilidades. Creio que não tocava nenhum instrumento nem sabia música, mas não ouvia pela primeira vez uma opereta, ou mesmo uma ópera, que logo depois não assobiasse — e era exímio no assobio! — os trechos principais. A sua facilidade para aprender línguas era proverbial: gabava-se de saber latim, e falava corretamente o francês, o inglês, o alemão e o italiano. Por isso, não admira aproveitasse com tanta rapidez as lições do velho Grimm, e se tornasse um paisagista muito aceitável, resgatando ligeiros defeitos de técnica por um sentimento profundo da cor, da luz e da intensa poesia da nossa terra.

.....
.....
Elegante, sempre apurado no traje, sempre vestido à última moda, as suas *toilettes* esquisitas provocaram muitas vezes o lápis dos caricaturistas, que o desenhavam sempre de uma magreza e de um nariz exagerados.

Ele tinha a mania (se se pode chamar a isso mania) de viajar freqüentemente pelo interior. Duas vezes montou casa, mas a maior parte do tempo morou em hotéis, com sua esposa. Eles adoravam-se, e, como não tinham filhos, não lhes era difícil ser tão movediços. Todas as nossas vilas de banhos, todos os nossos sítios de vilegiatura conheceram esse casal unido e amoroso. D. Clotilde de França, filha do Conselheiro Angelo Thomaz do Amaral, sobrinha de José Maria do Amaral, o poeta, do Visconde de Cabo Frio e irmã de Pedro e Paulo do Amaral, tinha a inteligência e o espírito de todos os membros dessa família privilegiada. Não era uma mulher bonita, mas era uma senhora encantadora.

França Júnior expirou nos seus braços, em Poços de Caldas, a 27 de novembro de 1890, quatro meses depois da funesta representação dos **Portugueses às direitas**.

Quando em 1898 procurei no cemitério daquela vila, a sepultura do comediógrafo, que visitara um ano antes, encontrei-a vazia.

D. Clotilde, que depois da morte do esposo nunca mais freqüentou a sociedade, nunca mais foi vista por estranhos, tinha ido a Poços de Caldas buscar os queridos despojos, e trouxera-os para o Rio de Janeiro. Efetuou em silêncio essa piedosa trasladação, não o disse a ninguém, não consentiu que os jornais o dissessem.

Queria repousar na mesma sepultura que o morto amado, e Deus fez-lhe a vontade: hoje dormem juntos o último sono.

O DEPUTADO DO DIVULGAÇÃO

“Como se fazia um deputado”, de França Júnior, estreiado em 1882, comemora o seu centenário este ano. Hoje, mesmo depois de transcorrido tanto tempo, está jóia da comédia brasileira continua a manter um extremo frescor e atualidade.

Dividida em três atos, a peça sofre a influência da estada do autor em Minas Gerais, caracterizando a força do meio rural, com o coronelismo marcando os destinos da eleição no interior.

Hoje, cem anos depois, o processo eleitoral, apesar dos desenvolvidos meios eletrônicos, apresenta, pelo menos a nível de campanha, um quadro semelhante, onde o voto comprado, a falsificação de identidade, a burla e a corrupção aparecem como elemento determinante e o poder do partido da posição gera um esquema de perpetuação.

Em “Como se fazia um deputado”, originariamente, “Como se faz um deputado”; a imposição da Lei Saraiva, uma ancestral da autoritária Lei Falcão, determinou a mudança do tempo verbal, o que conserva, para a atualidade, mais um ponto de ligação dentro da História do Brasil.

A cena inicial abre com os preparativos da chegada do “sinhozinho” à Fazenda de seu tio e pai de criação, um velho Coronel que aguarda, com alegria, a chegada do jovem bacharel, recém-formado e já aí, tem início o movimento de lançamento da candidatura do herdeiro dos políticos da região.

O segundo ato mostra a eleição e todas suas mazelas, onde o povo grita, mas não “apita”, onde os votos são fabricados e a lei é driblada a cada instante. Da capangada bravia ao eleitor de cabresto, todo o cortejo de corrupção se estabelece aos olhos do público mostrando a caminhada da ilegalidade vestida de branco pelo poder oficial.

O terceiro ato mostra o período pós-eleitoral; Henrique se debate entre os caminhos do idealismo e o exercício da política, dentro da prática, onde os ideais dos bancos da faculdade cedem lugar aos apelos de “D. Conveniência” que a tudo governa.

Ao buscar França Júnior e seu “Deputado”, o Grupo Divulgação, depois do trabalho com “O rei da vela”, de Oswald de Andrade, tenta traçar um paralelo entre o poder e seu exercício dentro de uma sociedade de classes.

A montagem do Divulgação parte da comédia de costumes para instaurar a fascécia, onde os homens públicos podem ser vistos, ainda que de maneira caricata, no supremo exercício do ato de cabalar e enganar o eleitor com falsas promessas e programas aparentes.

Num momento efervescente em que os partidos prometem, os candidatos pulam de um para outro programa partidário, os habitantes de países vizinhos tiram o título de eleitor na fronteira, mediante uma pequena gratificação e cidades apresentam um número de eleitores superiores aos seus habitantes, a obra de França Júnior emerge do tempo do Império e mostra que a conquista do poder, num país subdesenvolvido tem regras que parecem imutáveis e que a velha política positivista - filha da moral e da razão - é apenas uma figura de retórica que submerge no mar da corrupção.

O espetáculo procura mostrar o despreparo de uma comunidade para escolher seus representantes, motivado pela falta do livre exercício do debate, gerado por uma forma explícita de pensar, onde o cidadão tem o dever de votar, mas não o de acompanhar através dos meios de comunicação, a exposição de idéias dos candidatos para melhor se orientar.

Num tempo de Lei Falcão, onde o candidato exhibe um sorriso congelado e, somente através da comunicação face a face e muito trabalho consegue chegar até o eleitor, o poder do ouro fala mais alto. É, pois, uma pena que “Como se fazia um deputado” não seja apenas uma comédia de costumes que documenta os últimos anos do segundo reinado, pois sua atualidade, embora nos desperte o riso, obriga-nos a uma tomada de consciência.

Imaginar que um país, cem anos depois possa revelar as mesmas mazelas, apesar do avanço tecnológico, é constatar frente à dura realidade que ainda hoje os dirigentes da nação são forjados em obscuras câmaras onde o único grito que não se ouve é o de um povo que merece e tem o direito de escolher o seu destino.

O GRUPO DIVULGAÇÃO

Criado em 1966 e desenvolvendo um trabalho constante, ininterrupto dentro do cenário cultural de Juiz de Fora, o Grupo Divulgação tem dado, através destes anos de existência, um testemunho de consciência arraigada frente ao valor da atividade dramática.

Durante dezesseis anos, universitários, professores e membros da comunidade juizforana têm se juntado, diariamente, com o objetivo comum de dar vida a textos dramáticos, através da criação de espetáculos que viram crescer gerações.

Do Departamento de Teatro Infantil ao setor de espetáculos para adultos, o trabalho do Divulgação tem contribuído para um aumento constante do público juizforano e dado força, sobretudo através do exemplo, para que a arte do teatro se faça sempre presente, como um dos fatores importantes na feição cultural de Juiz de Fora.

Nesta jornada de trabalho contínuo durante anos a fio encontramos um caminho que tem frutificado, gerando, dentro do espírito do público, um nível de alta exigência que, em sua cobrança, faz avançar o espírito de luta em prol da arte.

Do antigo D.A. da Faculdade de Filosofia, brotou um espírito combativo que atravessou anos difíceis como os da década de 60, resistiu à fase dura do “milagre brasileiro” e continua, agora, num momento de efervescência política, em meio ao sofrido reaprendizado do diálogo, sua tarefa de pensar e refletir a realidade de uma comunidade.

Uma escolha rigorosa de textos que possam afetar o espectador juizforano é o ponto inicial do trabalho. Sem se importar com os modismos, ou perseguir a obsessão de ser novo, vanguardista ou guardião da verdade absoluta, o trabalho do Divulgação não abre mão de alargar sua esfera de ação mobilizando, em profundidade, um público crescente e disto tem resultado um repertório eclético, mas coerente, comprometido com a realidade do dia-a-dia, quer através da reflexão séria, da ironia, ou do deboche. Sempre uma postura crítica e independente como a que funda secularmente a missão social da arte teatral.

Durante tantos anos de realização, este propósito firma o encontro de uma maneira própria de fazer teatro, com encenações de textos que abrangem desde os grandes clássicos como Sófocles, Maquiavel e Molière, prosseguindo com expressivos nomes da dramaturgia contemporânea como Durrenmatt, Lorca, Ionesco e Arrabal, sem, entretanto, calar-se ante a dramaturgia brasileira de Coelho Neto, França Júnior, Nelson Rodrigues, Jorge Andrade, ou diante do desafio anárquico e vigoroso de Oswald de Andrade em sua lucidez inquietante de **A morta** e de **O rei da vela**, e do lançamento nacional de textos de jovens autores, como **O boca do inferno**, de Marcus Vinícius.

Com uma preocupação integral com o espetáculo que nasce total de suas oficinas, o trabalho flui inteiramente das mãos e do espírito de seus membros, desde a formação dos atores até à criação e execução de figurinos, cenários, máscaras e adereços que levam a marca já reconhecida do Divulgação. É uma tarefa árdua, suada, mas indiscutivelmente sólida e de onde brota uma engrenagem que permite outros tipos de realizações e um nível de trabalho harmonioso e em constante amadurecimento.

Desta experimentação diária formam-se, não apenas atores, mas membros de grupo, "homens de teatro", como diria Jean-Louis Barault que, amadurecidos, passam não uma técnica, mas um espírito de trabalho aos novos membros, formando uma troca comunitária de vivência que possibilita o estabelecimento de uma infraestrutura onde a atualização constante é buscada e cada trabalho é uma realidade nova. É esta integração que cria a marca Divulgação, transparecendo junto ao público como um crescimento que gera debate e discussão, o conflito indispensável ao organismo vivo.

Assim, os cursos do Grupo Divulgação são elaborados anualmente e possibilitam o encontro de pessoas sedentas da convivência com a arte de representar, oferecendo uma oportunidade democrática de participar do grupo e de seu trabalho de difusão cultural. Pois mais que um grupo de teatro amador, o Divulgação é um laboratório, onde se experimenta o ato de fazer teatro. Seus membros participam integralmente de, no mínimo três produções anuais e se formam numa relação efetiva e direta com o duplo movimento de fazer teatro e questionar-se enquanto o faz.

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

Major Limoeiro	José Luiz Ribeiro
Tenente-Coronel Chico Bento	Robson Terra
Henrique	Carlos Augusto Lauro
Domingos	José Renato Pippa
Gringoriana	Elaine Braga
Custódio Rodrigues	Eder Kegele
Flávio Marinho	Marcos Venício Cordeiro
Pascoal Basilicata	Thadeu Evangelista
Arranca-Queixo	Luiz Antônio Figueiredo
Pé-de-Ferro	Willer Borges
Primeiro Votante	Sw. Prem Subuddha
Segundo Votante	Alice Freesz
D. Perpétua	Iêda Alcântara
Rosinha	Ana Lúcia Petrocello
Escravos	Luiz Antônio, Eder Kegele, Marcos Venício, Sw. Prem Subuddha, Willer Borges.
Escravas	Alice Freesz, Valéria Veiga Penna, Fátima Amorim, Beralda Pires, Elaine Braga, Regina Martins
Povo	Valéria Veiga Penna, Luiz Antônio, Regina Martins, Willer Borges, Beralda Pires, Thadeu Evangelista, Fátima Amorim, Sw. Prem Subuddha, Alice Freesz
Sonoplastia	Levindo Ferreira
Iluminação	Malu Rocha Ribeiro
Figurinos	França Júnior
Texto	José Luiz Ribeiro
Cenário e Direção	

Grupo Divulgação
trabalhos apresentados

espetáculos antológicos:

amor em verso e canção

o homem do século XX

antologia da mulher

apresentação didática:

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto
coral universitário

belmiro, murilo, pedro nava

camões

a menina casadoira, de Ionesco

pic-nic no front, de Arrabal

sganarello, molière

lição de molière, de josé luiz ribeiro

a farsa do mestre pathelin

departamento de teatro infantil:

A Onça de Asas

Circo de Bonecos

Estória de lenços e ventos

Nem tudo está azul no país azul

Guairaká

O embarque de Noé

D. Baratinha

A gema do ovo da ema

walmir ayala

oscar von pfuhl

ilo krugli

gabriela rabelo

josé luiz ribeiro

maria clara machado

josé luiz ribeiro

sylvia orthoff

Outros espetáculos:

cancioneiro de lampião

o urso

bodas de sangue

electra

diário de um louco

pequenos burgueses

a visita da velha senhora

escola de mulheres

escurial

romanceiro da inconfidência

maria stuart

a morta

o patinho torto

yerma

seis personagens à procura de um autor

as criadas

arlequim servidor de dois amos

calígula

guerra mais ou menos santa

pedreira das almas

só o faraó tem alma

o beijo no asfalto

mas que papel, seu bacharel!

o estado de sítio

boca do inferno

a mandrágora

o rei da vela

como se fazia um deputado

nertam macêdo

anton tchekhov

federico garcía lorca

sófocles

nicolai gogol

máximo gorki

friedrich dürenmatt

molière

michel de guelderode

cecília meireles

friedrich von schiller

oswald de andrade

coelho netto

federico garcía lorca

luigi pirandello

jean genet

carlo goldoni

albert camus

mário brasini

jorge andrade

silveira sampaio

nélson rodrigues

josé luiz ribeiro

albert camus

marcus vinicius

maquiavel

oswald de andrade

frança júnior

AGRADECIMENTOS:

Prof. Márcio Leite Vaz
Magnífico Reitor da UFJF

Prof. Virgílio de Assis Pereira da Silva Júnior
Pró-Reitor de Assuntos Comunitários

Dr. Antonio José Cedrola
Departamento de Assuntos Comunitários

Bel. Delma Rocha Ono
Responsável pelo Fórum da Cultura

Profa. Lucy Brandão
Colégio de Aplicação "João XXIII"

Sr. José Walter de Andrade Ávila
Responsável pela Imprensa Universitária

Pessoal da Imprensa Universitária

Ismair Zaghetto
Superintendente da Funalfa

Meios de comunicação e aos que acreditam que

"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro"
(Lorca)